

## As representações do feminino no Teatro de José de Anchieta<sup>1</sup>

Edécio Mostaço<sup>2</sup>, Carla Ladeira Machado<sup>3</sup>

**Palavras Chave:** José de Anchieta, sexualidade, discurso, representação.

**Resumo:** Este artigo analisa as figuras femininas na dramaturgia de José de Anchieta, tendo por objeto a verificação das características associadas à sexualidade feminina e o seu papel no teatro transplantado para as Américas. Para tanto emprega alguns princípios teóricos de Michel Foucault, verificando como Anchieta caracterizou questões da sexualidade enquanto fenômeno de discurso e dispositivo disciplinar na catequese indígena.

A autoria dos escritos anchietanos é polêmica<sup>4</sup>. Sem se estender sobre esse assunto, gostaria, no entanto, para efeito do estudo aqui empreendido, de considerar a importância desses autos, quanto à legitimidade e autoridade de que estão revestidos enquanto fundadores de um discurso. Para Michel Foucault “não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente”<sup>5</sup>, salientando que, na ordem dos discursos, o importante é determinar qual é a posição que pode e deve ocupar o enunciado, e não, exatamente, sua autoria. Parto desse pressuposto para pensar a escrita sacra que legitima a fundação católica neste território recém-descoberto.

Diante dessa perspectiva, o presente trabalho ainda tomará como apoio teórico o estudos de Brandão<sup>6</sup> e de Carvalho<sup>7</sup>. O primeiro, ao tratar da importância da moralização de costumes na fundação do discurso católico; e segundo, ao refletir questões a respeito da mulher e o discurso de autoridade da igreja. Assim, durante a

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa *O teatro nas Missões Jesuíticas – uma nova perspectiva para o teatro no Brasil Colônia*, CEART/UEDESC.

<sup>2</sup> Orientador, Professor do Departamento de Artes Cênicas – Centro de Artes – UEDESC.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Artes Cênicas – CEART/UEDESC, bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPq.

<sup>4</sup> Para tanto, basta verificar uma tese recente da Dra. Magda Maria Jaolino Torres aonde a autora refuta a autenticidade dos mesmos e observa as razões pelas quais tais escritos foram manipulados com propósitos os mais diversos, como por exemplo, o de corroborar com a “natureza santa” de Anchieta. (TORRES, 2006)

<sup>5</sup> GREGOLIN, 2004.

<sup>6</sup> BRANDÃO, 2000.

<sup>7</sup> CARVALHO, 2001, p. 159-180

análise dos autos, busco refletir de que maneira a sexualidade feminina<sup>8</sup> foi colocada em discurso<sup>9</sup>, na medida que pretendia combater os costumes “pervertidos” e exercer sua autoridade sobre os corpos indígenas.

Do conjunto dramaturgico de Anchieta vamos examinar dois autos, o *Auto da Pregação Universal e Na visitação de Santa Isabel*, selecionados pelas peculiaridades com que enfocam as figuras femininas, uma vez que podem exemplificar com especial destaque o uso do discurso.

Sendo assim, a análise vai privilegiar duas representações distintas e de certa forma opostas, presentes nos autos, sendo que a primeira refere-se à mulher em sua simbologia associada à santidade, a partir das referências à Virgem Maria, em contraponto com a da mulher diabolizada, a partir das referências realizadas pelas personagens femininas ou mesmo através da personagem da Velha<sup>10</sup>.

Se considerarmos as representações femininas da Virgem Maria e da Velha como exemplos de como a conduta sexual deveria ser seguida, isso nos permite pensar no valor pedagógico a elas atribuídos no âmbito das apresentações teatrais.

É importante destacar, também, como a invisibilidade da mulher nesse contexto, das quais as duas figuras selecionadas constituem os únicos exemplos, reforça o discurso coercitivo, através da exclusão. Cabe ressaltar que naquele momento existia a iniciativa da igreja em legitimar o seu poder enquanto representante oficial religioso, e a sexualidade, como nos esclarece Foucault, foi um importante instrumento de regulação social

O presente artigo está dividido em dois itens: no primeiro será exposto, brevemente, vida e obra de José de Anchieta No segundo será realizada uma análise das figuras de Maria e da Velha indígena, identificando como a sexualidade surge associada às duas figuras. No terceiro item, procurarei refletir como a sexualidade, enquanto dispositivo moral, serviu para a legitimação da Igreja como a voz da autoridade, instaurando normas e valores a serem seguidos, construindo conseqüentemente um imaginário cultural indígena.

<sup>8</sup> A sexualidade da mulher neste artigo será entendida com sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais.

<sup>9</sup> Para analisar a sexualidade também foram considerados os pressupostos de Michel Foucault, que entende a sexualidade como um dispositivo histórico que de acordo com as estratégias de poder e saber, incitam discursos.

<sup>10</sup> Durante a seleção e escolha das peças de José de Anchieta, foi observado que embora sejam raríssimas as personagens femininas, entre elas são a Virgem Maria em *A visitação de Santa Isabel*, que aparece dialogando com um romeiro; e a Velha em *Na Festa de São Lourenço*, que aparece e foge rapidamente quando reconhece que a figura disfarçada é o diabo. Ou ainda essas duas figuras feminina serão citadas ou referida na grande maioria dos autos de Anchieta sendo. (Ver anexo II)

## 1. JOSÉ DE ANCHIETA , E OS COSTUMES “PERVERTIDOS”

Jose de Anchieta (San Cristóbal de Laguna, 19 de março de 1534 – Iritiba, 9 de junho de 1597), ingressa na Companhia de Jesus, em 1551, e chega ao Brasil dois anos depois, em 13 e junho de 1553. A sua obra evangélica, e juntamente com ela a sua obra literária, é a mais significativa, escreveu uma gramática do tupi mais falado na costa do sul, poesia religiosa, épica, foi autor, também de cartas, informações, e autos religiosos.

Quanto á sua obra evangélica, no que se refere à sua atividade, o Padre Anchieta deparou-se com muitos obstáculos. O principal era o fato de os índios não conhecerem conceitos como tentação nem pecado. A catequese significava, portanto, entre outras coisas, alterar aspectos cruciais da organização familiar indígena, levando-os a abandonar seus usos e costumes “pervertidos”, como a antropofagia, a poligamia, a embriaguez, etc.

A respeito das alterações de costumes Leite diz :

Destros psicólogos, aproveitaram pois os Padres esta disposição inata dos Índios, aceitando deles, a principio, o ritmo e os instrumentos, mas trocando a letra e levando-os, pouco a pouco, à prática da religião e aos costumes portugueses, que se introduziriam assim sem violências escusadas. <sup>11</sup>

Brandão, ao analisar na prosa anchietana a ambivalência missionária, constatando o duplo projeto jesuíta de missionário e colonizador, também afirma:

Combatendo os costumes contrários à religião católica, compreenderam, no entanto, que deveriam adotar em relação aos elementos externos e secundários da cultura indígena uma política de tolerância para melhor conseguirem seus objetivos. <sup>12</sup>

Assim, utilizando a língua de origem dos indígenas, bem como a dança, a música e os cantos indígenas, Anchieta estrategicamente introduziu os elementos essenciais do seu sistema.

---

<sup>11</sup> LEITE, 1999, p.101

<sup>12</sup>. BRANDÃO, 2000, p. 111

[...] Anchieta também julgava que o problema da conversão dos nossos índios não era uma questão doutrinária, mas de moralização de costumes. Para a realização dessa tarefa seria necessário então, eliminar-lhes os “costumes inveterados”<sup>13</sup>

Vou partir desse pressuposto para analisar, a seguir, nas peças teatrais o discurso religioso de Anchieta sobre a sexualidade, ao instituir os preceitos específicos cabíveis a um cristão. A igreja para buscar a autoridade nesses assuntos, restringindo a sexualidade ao seu domínio e controle, empregou como dispositivo importante a retórica ameaçadora, prometendo o Juízo Final a todos os que a transgredissem.

## **2. TEMATIZANDO AS FIGURAS FEMININAS NOS AUTOS**

### **A velha representando os maus costumes e o saber a ser combatido pela igreja**

A essa altura, quero retornar a um ponto que citei há pouco, o pecado original, segundo o qual não bastava apenas situar os maus costumes dos índios, era necessário que estes conhecessem a origem dos seus pecados, e a razão pela qual os desejos carniais por exemplo, eram condenados aos olhos de Deus. Tomando o primeiro ato de *A Pregação Universal*, percebemos a introdução à origem de pecado (pecado original) e a relação que é feita aos pecados da Velha e aos dos índios.

No primeiro ato é cantado a alegoria da história do primeiro pecado, quando um moleiro (Adão), seduzido por uma mulher (Eva ou soberba) perde a sua veste de domingo (graça divina), roubada por um ladrão (o demônio).

Para a ideologia católica, Eva corresponde a figura feminina culpada pela perdição do homem. Por isso, ela se torna símbolo das impurezas e malefícios propagados pelo mundo. Eva, em contraponto a Maria, também exemplifica como deveria ser o comportamento sexual dentro dos preceitos católicos, no entanto como foi dito, a escolha da Velha deu-se em função da sua maior ocorrência nos autos, o que confere a velha um maior destaque, e talvez Anchieta objetivasse com isso sua aproximação (percebida nessa análise como representante do pecado feminino ao desejo da carne) com a realidade indígena.

Seguindo a análise do auto, a respeito do II ato, os diabos Guaixará e Aimberé mostram o mal que fazem no Brasil. Entre os seus feitos mostrados em cena, a Velha

<sup>13</sup>Id. Ibid., p. 113

índia parece ter uma função específica nas tramas, pois é através dela e do cauim<sup>14</sup> que propiciam a bebedeira indígena que os diabos alcançam os seus feitos, “As velhas tentam os seus com cauim que não acaba.”.

Em função da noção de pecado original, parece que a prática sexual é um dos elementos que se atribui à velha insuflar, “Com drogas do mato e figas, cuidando de ser amadas, fazem-se belas e amigas” e que, associados aos maus costumes, exprimem a presença do demoníaco. É importante notar que a sexualidade está diretamente relacionada com a bruxaria “As velhas são más de fato: Fazendo suas magias, exaltam as fantasias ..” Parece que Anchieta remonta a antigos valores onde se associa a bruxaria às mulheres, seus hábitos em fazer feitiços para conquistar homens, o seu poder de sedução através de misteriosas poções e a sua prática sexual corrompida. As velhas, desse modo, através da bruxaria, ou melhor dos seus saberes mágicos e, conseqüentemente, do poder que lhes conferem seus corpos, seriam os veículos para a satisfação dos desejos. È sabido que no centro da moral cristã está sua total desconfiança com relação aos prazeres carnisais, que mantêm o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de elevar-se na direção de Deus.

Como elemento produzido num determinado contexto histórico-social, não podemos negar que o discurso de Anchieta, principalmente pelas intenções objetivadas, apresenta fortes vinculações com as preocupações que dominavam a mentalidade da época. Com uma quase total ausência de figuras femininas nas peças, porque a referencia às velhas? Não seria pela função espiritual que elas exerciam nas tribos, e que era percebida como uma ameaça? Sabe-se que os índios atribuíam aos idosos grande respeito, sendo eles os maiores responsáveis pela continuidade da tradição. No *Auto Diálogo do Pe. Pero Dias Mártir* o diabo diz: “Elas não cessam seus ditos, Estão sempre discutindo: Os seus discursos malditos, Erguem calúnias e mitos, a aos seus parentes ferindo”

Gostaria de ressaltar que através das falas dos diabos ações em torno da sexualidade feminina são sempre referidas nos autos: “ E agridem moças sem modos eis que aí tudo se admite” (*Na festa de São Lourenço*); “Mesmo alguns têm seus prazeres em as ficar espreitando” (*Na Aldeia de Guaraparim*); referências estas que remetem à sujeição da mulher enquanto objeto do prazer masculino. A personagem da Velha constitui, nesse sentido, uma exceção.

<sup>14</sup>Cauim: bebida fermentada grossa de cereais e frutas, mastigados pelas velhas. ANCHIETA (1977) p. 121

## **A igreja e as representantes de Deus na terra**

Na maioria dos autos podemos observar como Maria é associada a imagem de interventora, mediadora e por conseguinte a grande evangelizadora. Para compreender essas representações em torno da Maria, irei apontar brevemente um fato histórico, que parece ter importante relevância. Os séculos XVI e XVII foram marcados, na esfera religiosa, por inflamados embates travados entre católicos e protestantes, que não apenas criaram fronteiras religiosas entre os estados europeus como os opôs quanto a diversas questões de dogmas, e a legitimação dos santos é um desses dogmas. A Reforma não aceitava qualquer espécie de intermediação humana na relação entre cada fiel e Deus, tal como pregavam os católicos, relações estas exercidas pelos santos e também por Maria, mãe de Jesus.

Com isso, a Companhia de Jesus, da qual José de Anchieta fez parte, foi um importante instrumento da contra-reforma, que objetivava a difusão da predica católica e a legitimação do poder político religioso católico. Nos autos de Anchieta, se considerados como veículos para propagar a ideologia católica, é constante a presença de santos e santas, e Maria nela ocupa grande destaque, como temas dos autos, e muitas vezes essas figuras aparecem nos autos como intermediadores, encarregados de proteger os espaços demarcados com as leis e o poder religioso da igreja católica, principalmente quanto às ameaças religiosas. “ E por esta casa santa , que guarda sempre nas mãos, aos luteranos malsãos, com grande terror espanta, como aos Aimorés pagãos.” (Na Visitação de Santa Isabel)

Voltando à figura de Maria, as representações de interventora e medianeira de Maria, associam-se a uma a imagem feminina idealizada a suscitar imitação. No caso dos indígenas tal imitação associa-se estreitamente ao esforço de mantê-los dentro da nova religião que abraçavam. Sua castidade, sempre associada a adjetivos como bela e formosa, parece ser o elemento fundamental que a diferencia das demais figuras femininas, conferindo-lhe a mais fundamental das virtudes para suscitar normas em relação ao corpo e ao desejo.

Ao discutir a respeito da constituição da “Igreja doméstica”, Carvalho faz uma interessante comparação:

A Igreja também identifica-se com Maria; ela é a mãe que zela por seus filhos na terra e também mestra, esposa de Cristo e mediadora sem a qual não havia possibilidade de acesso ao Pai.<sup>15</sup>

Verifica-se, portanto, que estamos diante de uma realidade maior, mais ampla do que a religiosa, que é a sociedade patriarcal, que reservava à mulher a condição de sujeição, no âmbito da Colônia

### **3. A SEXUALIDADE COLOCADA EM DISCUSSÃO**

Ao analisarmos a figuras da Velha e de Maria (ainda que não tenham uma relação direta com a ação dramática) verificamos que suas caracterizações instituem dois paradigmas:

O primeiro deles através de adjetivos empregados - Bela/ Feia. Semanticamente esses adjetivos acumulam informações que tanto as descrevem quanto expressam um julgamento. São, portanto, um julgamento de valor, sendo a velha índia associada à negatividade e Maria à positividade.

O segundo aparece constituído pelos substantivos: a Velha representando os gentios e Maria, o cristianismo . Esses substantivos, da mesma forma, expressam julgamentos de valor.

Ao identificarmos nessa construção discursiva tanto uma designação quanto uma valoração, percebemos nessas representações elementos poderosos de exemplificação a serem instituídos através da prática teatral.

Temos, portanto, modelos de comportamentos sexuais apresentados aos indígenas no século XVI, pautados a partir de uma autoridade - a Igreja - como detentora de saber e de verdade a respeito das condutas humanas, a constituição de sujeitos aderidos à uma determinada ordem.

Assim, a proposta de refletir a partir um referencial foucaultiano, diz respeito ao quanto estas alusões teóricas têm ampliado a compreensão dos processos de subjetivação e, portanto, de constituição das identidades. Para se analisar o fenômeno da construção da identidade indígena através do teatro jesuíta no século XVI torna-se importante, nesse caso, levar-se em consideração a rede de formações discursivas que a ele está associada, mesmo quando se faz um recorte mínimo como o aqui apresentado.

<sup>15</sup>CARVALHO, 2001, p. 159-180.

Foi possível, portanto, através dessa breve análise, identificar como tais relações discursivas apoiavam-se num saber específico, no conjunto doutrinal e teológico erigido para garantir a existência da igreja enquanto instituição, na qual o teatro ocupou relevante papel. Como, através dele, os significados associados à sexualidade foram manejados e produzidos, com inevitáveis implicações que reverberam até os dias de hoje.

## BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, Joseph de. *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, Originais acompanhados de tradução versificada, introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. Obras Completas: 3º volume. Edições Loyola: São Paulo, 1977.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Catequese e colonização no discurso jesuítico. In: Barros. D.L.P (org.) Os discursos do descobrimento. 500 e mais anos de discursos. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CARVALHO, Maristela Moreira de. *Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980)*. Revista Esboços – Revista do Programa de Pós- Graduação em História da UFSC, Chapecó, v. v. 7, n. 9, p. 159-180, 2001.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: *O enunciado e os Domínios da Linguagem: Discurso, poder, subjetividade*. p. 28
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo II. Livro I. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999. p.101
- TORRES, D.ra Magda Maria Jaolino Torres, *As práticas discursivas da Cia. De Jesus e a emergência do “Teatro Jesuítico da Missão” do Brasil no Século XVI*. Tese em História. UnB: 2006.